



SILVA, Dora de Andrade. Vozes autorais no processo colaborativo. Campinas: Unicamp. Doutoranda em Artes da Cena; Unicamp; Bolsa CAPES; Or. Antonieta Marília de Oswald de Andrade. Bailarina, professora e pesquisadora.

RESUMO

O presente artigo pretende tratar dos processos colaborativos nas artes procurando investigar a questão das diferentes vozes autorais que participam da realização da obra artística. Quais são as demandas compreendidas neste fazer? Serão investigadas algumas possibilidades de dinâmicas estabelecidas entre os diferentes agentes envolvidos nestes processos, discutindo procedimentos criativos e buscando esboçar alguns princípios presentes nestas práticas no campo das linguagens da dança, teatro e performance. Para isso colocaremos em diálogo diferentes perspectivas trazidas por autores que tratam sobre o tema, além de relatos de artistas.

PALAVRAS-CHAVE: processo colaborativo, autoria, criação, artes cênicas.

Os processos colaborativos se apresentam como uma prática de criação que sugere novas configurações do meio de realização e organização do processo artístico, alterando os modos de fazer e a hierarquia tradicional, reposicionando os agentes no processo de construção da obra. Nestas práticas, os artistas envolvidos tem seus respectivos papéis redimensionados e resignificados em um processo de expansão das possibilidades do fazer nas artes da cena, onde a matéria tratada poderá requisitar que estes colaborem com as diversas funções artísticas compreendidas no processo.

Pretendemos aqui abordar as questões relativas à criação em moldes colaborativos entendendo este fazer como práticas de criação nas quais artistas trabalham coletivamente em torno de proposta inicial. Como veremos, o processo colaborativo não se trata de um modelo específico de criação, mas de uma prática que pode se dar a cada processo de maneiras distintas.

Na criação de um evento cênico, entendemos por processo colaborativo o procedimento que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas. Essa ação propõe um esmaecimento das formas hierárquicas de organização teatral. Estabelece um organismo no qual os integrantes partilham de um plano de ação comum, baseado no princípio de que todos tem o direito e o dever de contribuir com a finalidade artística. Rompe-se com o modelo estabelecido de organização teatral tradicional em que se delega poder de decisão e autoria ao diretor, dramaturgo ou líder da companhia. (FISHER, 2003: 39)

Autores como Araújo (2008), Fischer (2003), Ary (2011), em suas pesquisas sobre processos colaborativos na criação teatral, apontam como característica fundamental a esses processos a permanência das funções artísticas específicas, onde cada artista envolvido no processo responde por sua área e contribui com as demais através desta. Conservam-se as funções como dramaturgo, diretor, ator, iluminador, etc. Ao contrário das práticas de teatro coletivo das décadas de 60 e 70, onde se observa a diluição ou extinção destes papéis, no processo colaborativo temos estas funções definidas, onde o artista responsável por sua área organiza uma síntese das

proposições surgidas durante o processo para a sua área.

Esta estrutura de trabalho bastante focada na autonomia criativa dos agentes envolvidos se firma em conceitos bastantes caros às práticas contemporâneas, como a ideia de intérprete criador (para a dança) e de ator criador. Este novo papel do intérprete se abre a um exercício de criação onde se compartilha o fazer cênico, e requisita uma participação ativa, propositiva, permitindo que pratique e experimente sua singularidade enquanto artista.

Na linguagem da dança este tipo de proposta remonta desde as vanguardas americanas organizada na Judson Memorial Church em Nova Iorque, espaço que abrigou artistas e grupos experimentais e se prestou a todo tipo de proposta coreográfica. O grupo ali formado, o Judson Dance Theatre¹, desenvolveu procedimentos coletivos tanto artísticos quanto de gestão de grupo, apoiados em processos colaborativos de criação que deram origem a mais de 200 trabalhos em dança.

Cohen (2002) afirma que no caso da *teatro alternativo* o processo se aproxima de uma criação coletiva. No entanto na passagem dos *happenings* para a *performance* há a tendência a processos mais individualizados, onde o artista verticaliza todo seu processo, dando sua leitura de mundo, criando seu texto, seu roteiro e sua forma de atuação. Mesmo em processos de grupo, busca-se por uma marca. O artista irá trabalhar em cima de suas habilidades pessoais, sua idiossincrasia. É a criação de um vocabulário próprio.

A busca por procedimentos particulares de cada grupo, e o foco no indivíduo criador ainda se pode ver como ponto determinante no processo colaborativo. Antônio Araújo, diretor do *Teatro da Vertigem* e importante pesquisador de processos colaborativos, relata sobre a dinâmica empregada por seu grupo tomando como base o processo de criação de *O Paraíso Perdido* de 1992, primeiro espetáculo do Teatro da Vertigem:

Pretendíamos garantir e estimular a participação de cada uma das pessoas do grupo, não apenas na criação material da obra, mas igualmente na reflexão crítica sobre as escolhas estéticas e os posicionamentos ideológicos. Não bastava, portanto, sermos apenas artistas-executores ou artistas-propositores de material cênico bruto. Deveríamos assumir também o papel de artistas-pensadores, tanto dos caminhos metodológicos quanto do sentido geral do espetáculo. (ARAÚJO, 2006:128)

Fabio Cordeiro (2006), ator e colaborador da Cia. dos Atores² que vem pesquisando sobre o processo criativo do grupo, afirma que o processo de criação da Cia., que trabalha em práticas colaborativas, seria constituído não

¹ Grupo/cooperativa formado em 1962 que contava com figuras como Twyla Tharp, Steve Paxton, Yvonne Rainer e Lucinda Childs, entre outros; músicos como James Tenney, John Herbert McDowell e artistas visuais como Robert Rauschenberg e Robert Morris.

² O grupo define como uma de suas marcas “um forte processo colaborativo, como chamam os atores a prática de todos influírem no resultado dos trabalhos, trazendo contribuições, dividindo-se em subgrupos de pesquisa, trocando e acrescentando ideias até que, o diretor passe a fazer um trabalho de edição e organização do material.” (<http://www.ciadosatores.com.br/>)

por *um* único e constante *método* de trabalho mas pela flutuação de procedimentos que se renovam a cada obra, em função do universo temático ou ficcional escolhido. A assinatura do grupo, como identidade artística, se construiu, segundo ele, na sucessão de seus processos, e não na projeção de um método de trabalho específico.

A abertura ao novo e à experimentação, e capacidade de integrar e contribuir propostas de outros artistas são algumas das premissas de um artista em processos desta natureza. Próprias do processo colaborativo, a contaminação por outras práticas, pontos de vistas, materiais e sugestões deve ser uma constante na prática colaborativa, o que exige uma conduta antes de tudo flexível do artista.

Araújo (2006) ressalta este aspecto referente à capacidade do artista, mesmo comprometidos com determinado aspecto da criação, em integrar-se numa discussão de caráter mais generalizante, ou seja: sua capacidade de dialogar e contribuir com as outras funções no processo para todos, individual e conjuntamente, criam a obra cênica total que será levada a público.

Sabemos que as formas de gerência de um processo colaborativo são múltiplas. Como já dito, cada grupo e artistas equacionam de maneira particular a organização de seu fazer, e durante seu fazer, respondendo às necessidades específicas de cada processo. Da mesma maneira, Katrina MacPherson (2006), afirma serem os modos de organização da colaboração na prática do vídeo dança, ressaltando ainda a questão das funções específicas:

Como os artistas escolhem compartilhar sua visão e responsabilidades e contribuir para o processo criativo varia em cada grupo em colaboração e em cada projeto. Comum a todos, entretanto, permanece a necessidade de uma visão clara e, tão importante quanto, mas às vezes ainda mais complicado, o entendimento do que é esperado de cada um dos colaboradores. (MACPHERSON, 2006:14).³

Em processo colaborativo não há a operação dentro de uma estrutura tradicional decisória, centrada invariavelmente na figura de um único sujeito. Por haver funções artísticas específicas – onde o artista responsável por sua área organiza uma síntese das proposições surgidas durante o processo para a sua área – as escolhas até certo ponto podem passar pela ideia de consenso. Por isso, em um processo que conjuga diferentes linguagens, experiências artísticas, técnicas, é vital que se saiba em que domínio se encontra cada indivíduo, para que a partir deste cada um possa contribuir.

É importante esclarecer que por mais que estejamos aqui num exercício de concatenar algumas ideias acerca da criação colaborativa, não pretendemos tentar estabelecer nenhuma diretriz definitiva para esta prática. O processo colaborativo em linhas gerais, como vimos, diz respeito à diversidade:

³ “How artists choose to share their vision and responsibilities and to contribute to the creative process varies in each collaboration team and in every project. Common to all, however, remains the need for a clear vision and, as important but sometimes even trickier, an understanding of what is expected of each of the collaborators.”

procedimentos, modos de fazer, propostas e todos os elementos que cercam esta prática podem se dar de múltiplas maneiras.

De fato este fazer colaborativo está longe de consensos fáceis se pensarmos como estes dialogam com definições tradicionais das artes, como a autoria, e mesmo a questão dos limites de cada função. O relato da coreógrafa e diretora Lia Rodrigues – que trabalha com criação colaborativa em seus processos – à pesquisadora Mônica Dantas, resume bem esse tipo de questão:

Se você considera que o pensamento também faz parte do corpo, sim, eu participo da criação dos movimentos, tanto quanto os bailarinos. Faço coisas com o meu corpo. O que eu faço eu não vejo, mas isso é visto pelo outro. O outro imita ou não, eu não sei se o que o outro está fazendo é aquilo que eu fiz, é tudo híbrido, misturado. Tem um impulso gerador, o que eu faço é dar o impulso primeiro para mover o corpo. No fundo não tem muita importância [quem é o autor da coreografia]: colaborador, criador, tento achar um jeito mais apropriado de dizer isto. (RODRIGUES *apud* DANTAS, 2006:52-53)

Como então mensurar a participação dos artistas envolvidos em um processos colaborativos de forma a delegar a algum deles o status de autor da obra cênica criada? Seria isto possível, ou mesmo relevante? Sobre essa questão o relato de Cordeiro (2006) sobre a experiência na Cia. dos Atores nos parece bastante pertinente:

O sentido da assinatura, no caso da Cia. dos Atores, também aparece como resultado de um diálogo. Ou seja, através da colaboração da troca de informações e experiências, que o "tempo de confecção do espetáculo" desenvolve. Cada setor responde por sua assinatura, e cada um recebe e oferece contribuições para os demais. Quando um texto redigido durante o processo de criação, que, aliás, já vinha existindo antes mesmo da primeira linha escrita, como o caso do processo criativo de *Melodrama*, torna-se um tanto mais complexo compreender a autoria do espetáculo ou do próprio texto. Não se trata de perguntar quem é o autor, mas de como surge esse autor, através de quais condições a autoria aparece nas realizações da Cia. dos Atores? (CORDEIRO, 2006:126)

A impossibilidade e mesmo irrelevância de se localizar autorias nos volta o olhar à questão mais determinante e central de um processo: a combinação dos elementos/fatores envolvidos nesse jogo de concepção e seu contexto, e qual a dinâmica estabelecida entre eles.

O que parece por hora mais preciso é entender o prática colaborativa como autoria compartilhada na qual, sem perder de vista as funções específicas, cada artista tem igual espaço propositivo. O processo colaborativo trata então de procedimentos e modos de fazer que estimulam, através da combinação desses elementos, a emergência não de um único autor, mas de vozes autorais.

Dentro da perspectiva referente ao contexto contemporâneo de intensas trocas, influências e constante partilhamento de informação – onde as possibilidades de criação e experimentação em artes podem ganhar novos limites e fundar as mais diversas práticas, se utilizando de diversas linguagens e formatos para a instauração e desenvolvimento de um processo

criativo – este texto buscou trazer alguns apontamentos referentes à prática colaborativa nas artes da cena. No sentido compreender alguns pontos deste fazer processual e suas possibilidades procedimentais, nos dedicaremos ainda a futuros desdobramentos das questões aqui traçadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Antônio. *A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo*. Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

ARAÚJO, Antônio. *O processo colaborativo no teatro da vertigem*. Revista Sala Preta. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, n. 6, 2006.

ARY, Rafael Luiz Marques. *A função dramaturgia no processo colaborativo*. Dissertação de Mestrado em Artes. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

BANES, Sally. *Terpsichore in Sneakers – post-modern dance*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1980.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

DANTAS, Mônica. *De que são feitos os dançarinos de “aquilo...” criação coreográfica e formação de intérpretes em dança contemporânea*. Revista Movimento, vol. 11, n. 2, 2005.

Enrique Diaz, Marcelo Olinto, Fabio Cordeiro. *Na companhia dos atores: ensaios sobre os 18 anos da cia dos atores*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

FISCHER, Stela. *Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90*. Dissertação de Mestrado em Artes. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

McPHERSON, Katrina, *Making video dance: a step by step guide to creating dance for the screen*, Routledge, Abingdon, Oxon, England ; New York, 2006.